

MULTIPLICIDADE INTENSIVA: POR UMA META(FÍSICA) NÃO ESSENCIALISTA

INTENSIVE MULTIPLICITY: FOR A NON-ESSENTIALIST META(PHYSICS)

Charles Borges¹

Resumo: uma das principais características das ciências modernas é seu fundamento sobre o idealismo metafísico do “essencialismo”. Este, por sua vez, pode ser visto como partindo de duas ideias principais: 1) a concepção de que existe uma essência transcendente que confere unidade e preserva a identidade dos objetos e fenômenos naturais; 2) a noção teológica de “leis da natureza” que possibilita a asserção da reversibilidade do tempo de qualquer fenômeno natural (a ideia de que um encadeamento causal linear pode ser “revertido” no tempo). Deste modo, o essencialismo seria a tese meta(física) segundo a qual existem formas “atemporais” na base dos processos materiais, de modo que caberia às ciências o papel de desvelar as “leis” atemporais dos processos materiais.

Reverter o idealismo a partir de uma tese materialista significa aplicar outro modelo: uma ontologia da *diferença*, que substitui o essencialismo pela noção de multiplicidade intensiva e, por conseguinte, desenvolve duas alternativas ao primeiro: 1) a substituição da “essência” pela concepção de sistemas dinâmicos orientados pelos conceitos multiplicidade e variedade; 2) a substituição da ideia de “lei da natureza” por padrões imanentes do Ser e do devir, introduzindo a irreversibilidade do tempo no interior dos processos materiais.

Palavras-chave: ontologia, essencialismo, mecanicismo, diferença, Gilles Deleuze.

Abstract: one of the main characteristics of modern science is its allegiance to the “essentialist” paradigm defended by metaphysical Idealism which can be seen as a twofold thesis: 1) that of the existence of a transcendent essence that gives unity and preserves the identity of the objects and natural phenomena; 2) that of the theological sense of the “Laws of Nature” that gives room to claims about the reversibility of any natural phenomena (the idea that any causal chain can be reversed in time). Therefore, “essentialism” is the (meta)physical thesis that claims the existence of a-temporal forms as the ground of material processes so that would be up to science to unveil such “Laws”.

A reversion of this Idealist paradigm from a Materialist point of view requires the application of another ontological model: an ontology of *difference* replacing the notion of intensive multiplicity by the essentialist model and then developing a twofold alternative: 1) Instead of essentialism we need to rely on the notion of Dynamical Systems guided by the concepts of multiplicity and manifold; 2) Instead of talk about eternal “Laws of Nature” we must refer to immanent patterns of Being and Becoming and then to introduce the time irreversibility inside of material processes.

Keywords: ontology, essentialism, ontological difference, Gilles Deleuze.

1. Situando o problema

Como dar conta dos objetos no mundo? Ou, ainda: como dar conta do mundo atual, do mundo que “chega até nós”, através dos nossos sentidos? Está é, com certeza, uma das perguntas – senão “a” pergunta – fundamental para a filosofia e para a ciência. É a partir desta pergunta que as outras se desenvolvem e se articulam: é sobre as questões da essência e da existência, do Ser, do ente e do devir, do finito e do infinito que terão vazão outras questões filosóficas importantes como o livre arbítrio, a

¹ Doutorando em Filosofia (PUCRS). Bolsista da CAPES. Email: charlesdittgen@gmail.com

natureza da política e o estatuto do conhecimento, para ficar só com algumas das questões cruciais sobre as quais se debruçam a filosofia e as ciências.²

Ainda que pretenda descartar uma visão tipológica ao longo do presente trabalho acredito poder me valer de uma taxonomia para situar as principais teses ontológicas sobre “o que é o Mundo?”, ou “o que é a Natureza?”. Na esteira de DeLanda (2013, p. 71), podem ser isolados três modos de definir e explicar os entes no mundo. Tenho, assim, o Idealismo, o Empirismo e o Realismo como visões de mundo, como formas de explicar a emergência e a relação dos entes no mundo.

Para os primeiros (idealistas), não haverá nada no mundo que exista independentemente da mente (ou do espírito) humano; para os empiristas, por seu turno, todas as entidades que podem ser observadas possuem uma realidade independente do observador, entretanto, todos os entes são “meros construtos teóricos que são úteis para dar sentido ao que é observado” (DeLanda, 2013, p. 71). Por fim, os realistas partem da premissa de que a realidade é completamente autônoma em relação à mente humana, independentemente de qualquer diferença entre o “observável” e o “inobservável” e do “antropomorfismo” (DeLanda, 2002, p. 2) implicado nesta diferença. Para o realista, então, os entes existem independentemente de uma consciência que os observa.

É óbvia a insuficiência destas tipologia. Estes três “tipos” se complicam e se misturam ao ponto de podermos ter, por exemplo, um realismo das essências, ou seja, um realismo dualista que defende a preeminência de uma substância primeira como “modelo”, como matriz de todos os outros entes mundanos, de modo que seria mais correto falar em “essencialismo” e “não-essencialismo”, ressaltando que o essencialismo é a tese segundo a qual “as entidades físicas são vistas como [...] realizações de formas ideais.” (DeLanda, 2002, p. 4). Daí outro ponto importante: esse essencialismo estaria na base de toda a visão de mundo que procura “a essência” da realidade quer na totalidade (na soma das partes), no Uno, quer na menor parte (no múltiplo como essência).

A questão que se impõe é, portanto, como conceber uma visão de mundo que não seja essencialista, ou seja, que não pressuponha, por um lado, uma realidade das formas que permanecem as mesmas (e que remete a um princípio de unificação, ao Uno) nem, por outro, no puro sentido (lógico) que emerge da composição de partes essenciais? Dito de outro modo: como evitar o *atualismo* entendido como a tese que reduz a realidade às categorias fixas de quantidade e extensão?

Minha hipótese será a de que uma ontologia *processual e intensiva* é o programa necessário tanto para a filosofia quanto para as ciências. Esta ontologia *intensiva*, por sua vez, será um materialismo que definirá a realidade como imanência: os entes no mundo são atualizações de processos intensivos, padrões vinculados ao conceito de tempo conforme concebido pela teoria dos sistemas diferenciais.

² Meu objetivo aqui não é fazer uma “filosofia da ciência” ou mesmo situar os “limites” entre filosofia e ciência. O que pretendo é trazer para o debate uma forma de “conhecer” que é, ao mesmo tempo, filosofia e ciência, ou pelo menos uma relação entre ambas.

Meus objetivos serão explicitar os contornos dos conceitos de “multiplicidade” e “diferença” desenvolvidos pela ontologia da Diferença de Gilles Deleuze e, ao mesmo tempo, fornecer um marco referencial teórico-prático para pensar as relações entre ontologia e ciência.

Para tanto apresentarei, no próximo item, uma breve caracterização daquilo que pode ser entendido como “metafísica essencialista” e a relacionarei com a mecânica clássica.

No item seguinte apresentarei uma versão sumária da ontologia da diferença e sua respectiva relação com a física moderna, sobretudo com a teoria dos sistemas dinâmicos.

Por fim, apresentarei as linhas gerais daquilo que pode ser chamado por um “materialismo transcendental”.

2. O essencialismo

O essencialismo aqui definido é a tese conforme a qual os entes atuais estão ligados a uma causa primeira, a uma substância transcendente, ou seja, há uma ideia de hierarquia entre os seres, uma hierarquia que distribui os entes de acordo com a maior ou a menor proximidade com a substância primeira.

É claro que este modelo metafísico não resistiu à revolução operada pelas ciências modernas de modo que não sustenta-se mais uma visão de mundo que afirme a *Mathesis Universalis*, ou um “modelo da cadeia do Ser”.

Entretanto, se é certo que o essencialismo não mais se sustenta como “cosmovisão”, também é certo que a mecânica clássica e a biologia moderna, por exemplo, ainda se referenciam num dos aspectos principais deste paradigma: o mecanicismo.

O mecanicismo é uma tese rica e complexa que possui vários aspectos de modo que vou me ater apenas àquele mais geral que o caracteriza como uma tese hierárquica e “presentista” ou “atualista”. Esta é a ideia principal do mecanicismo: existe um ponto de vista “fora do tempo” a partir do qual os entes no mundo podem ser observados e a relação de causa e efeito mantida entre eles pode ser descrita. Este ponto de vista não é, obviamente, o humano, mas sim o de uma Substância superior, fora do tempo, a substância que está na origem do processo causal, está isenta, imune à ação do tempo. Esta substância vive, então, num eterno presente. Caberia ao humano (à ciência) “imitar” esse ponto de vista, buscar se aproximar ao máximo do “Kosmos Theóros” e compreender o funcionamento dos mecanismos, as leis de funcionamento desta grande máquina que é o mundo.

Daí duas de suas principais características: 1. a propensão a uma distribuição por tipologia. As entidades no mundo distribuem-se a partir de um tipo ideal em gêneros, espécies e indivíduos onde o critério de adequação é o da identidade (ou o princípio da identidade). 2. o “totalitarismo do presente”. Esta visão de mundo é “presentista” na medida em que sua pretensão é encerrar o “Todo”, de modo que não existe nada que não seja o presente, o atual. Além disso, é a partir deste atual que devemos encontrar as coisas no mundo. Se o tempo já não é mais um círculo – como nos modelos

tradicionais da cosmovisão –, se o tempo agora é uma seta, o certo é que, do ponto de vista especulativo, podemos nos situar fora do tempo e remontar os processos causais com fundamento na abstração das “leis da natureza” (o tempo é uma seta única e exclusivamente do ponto de vista fenomenológico). Como afirma Prigogine (2000, p. 15), uma das características principais daquilo que chamamos “leis da natureza” é “precisamente a eliminação do tempo [...], de forma que nos aproximamos da visão de Deus”:

Para Deus, tudo é dado; novidade, escolha ou ação espontânea dependem do nosso ponto de vista humano, ao passo que aos olhos de Deus o presente contém o futuro assim como o passado. Sob esta óptica, o estudioso, graças ao conhecimento das leis da natureza, aproxima-se progressivamente do conhecimento divino. (PRIGOGINE, 2000, p. 15)

A reversibilidade do tempo é, então, uma das principais marcas desta tese metafísica. Posso reduzir o mundo a o presente eterno das qualidades primárias, reverter os processos e remontar a cadeia causal que dá vazão aos entes no mundo. Estes, por sua vez, são o produto de uma interação entre qualidades e quantidades (extensivas), que denotam uma “simetria”. Em resumo: o universo é hierárquico, tipológico (identitário) e atualista.

3. Ontologia da Diferença

Como alternativa ao paradigma essencialista pretendo apresentar aqui as linhas gerais da ontologia da diferença que tem Deleuzeano pretende dar conta do processo de genese do atual – dos sujeitos e dos objetos presentes no mundo que habitamos – a partir da repetição

a. Este processo pode ser re
: o virtual, o intensivo e o atual.

), que com
produzidos por um processo de atualizaç
Multiplicidades.

Ideias ou Multiplicidades
elementos diferenciais, relac

. Deste modo, seguindo a imagem de
uma estrutura em camadas, podem ser encontradas sob o atual, “individuaç

-

s regis

).

• Virtual (diferenciação -individual de relações, ou “estrutura” composta de termos, relações,

portanto, um campo de individualização, vel, puro espaço que encarnam a condição (especificação) e sua solução (condensação) pelo procedimento da vice-dicção. O virtual (Ideia, Multiplicidade ou problema), funciona como um horizonte, um campo relacional (relação

• Atual (diferenciação): pode ser definido como o produto final do processo de individualização, a estabilização

(visto enquanto diferenciação) que constitui uma determinação, na forma de categorias e conceitos do entendimento e do objeto individual “real”.

• Intensivo (individualização /dramatização o-temporal que age na passagem do virtual (do estrutura, tal ocorre) t

) e outra no atual (composto de qualidades e quantidades que derivam categorias), sendo que o que faria a passagem ou a ligação

, composta pela diferenciação /individualização /dramatização /diferenciação.

O importante a ser ressaltado nesta “atualização a individualização mesmo dirige o processo, ou seja, a dramatização formac. Assim, a diferenciação das categorias, ma

O que segue ao processo de individualização variedades de relação diferenciais e todas as distribuições (que) coexistem em diversas ordens ‘perplicados’ uns nos outros”, de modo que, quando da atualização, as “variedades de relação

A esta determinação uma Ideia Deleuze denomina por diferenciação passo em que a atualização diferenciação.

Diferenciação e integração

- /cação, a partir da qual todo objeto pode ser concebido como duplo sem que, entretanto

, portanto, uma relação, sim, temporalidades distintas: um tempo puro (virtual), estrutural, que porta e os diferentes tempos (ritmos, ciclos) de atualização
relação

(diferenciação), pela integração. Esta solução, vez que encarna uma diferença, atual. A diferenciação, uma solução (atual) para um problema (virtual), uma solução local dentro de uma rede.

Para ilustrar esse aspecto, posso utilizar o exemplo de um organismo, a solução “adaptações”, como, por exemplo, o olho que “soluções um ‘problema’ da luz” (Deleuze, 2001, p. 21), uma diferenciação

- , seria diferenciado sem um meio interno dotado de uma efetividade geral ou de um poder de [integração]” (Deleuze, 2001, p. 211).

A partir deste esquematismo deleuzeano são reintroduzidas na dinâmica da produção dos entes atuais pelo menos três ideias de enorme importância para superar o mecanicismo: 1. o conceito de intensidade (intensão), ou melhor, de *temporalidade intensiva*. O tempo é introduzido nos processos materiais guiados pela diferença. O tempo é um elemento dinâmico, nem extensivo, nem quantitativo, mas intensivo e irreversível: a seta do tempo aponta para uma só direção e o devir é o produto de uma dinâmica intensiva, de um processo de atualização; 2. o conceito de causa emergente. Esta causalidade é permeada pela dinâmica intensiva. A causa emergente é *imane*nte à interação de elementos, relações e singularidades. As singularidades, na condição de atratores e bifurcadores, constituem-se em pontos de chegada para as trajetórias de elementos relacionais. A causa (ou a razão suficiente) de determinada espécie ou indivíduo no mundo emerge desse processo intensivo: todo o ente é singular (concreto) e relacional (abstrato). A causalidade é estatística; 3. o conceito de assimetria, ou de metaestabilidade: as relações são dinâmicas, são probabilísticas ou estatísticas, de modo que os elementos convergentes que formam, que fixam ou “reterritorializam” determinada entidade no mundo atual permanecem em constante tensão assimétrica (as duas metades do objeto são assimétricas). Não há, assim, mais hierarquia, não há essência identitária, não há causa emanatória: a diferença, enquanto processo intensivo é o que forma os indivíduos e as espécies, é o que está por trás da quantidade e da qualidade.

4. Considerações finais

Concluo destacando o caráter materialista da ontologia da diferença. Esta, ou seja, a diferença intensiva, é o que explicita o caráter totalmente dinâmico dos sistemas que dão origem ao mundo atual. A partir deste ponto de vista o atual não é a origem mas sim o produto de um sistema metaestável. O equilíbrio de forças que forma, que dá consistência a esta ou aquela entidade é momento de “paragem” de transição da metaestabilidade para um equilíbrio que tende para a estabilização. Esta, por sua vez, estará sempre sob a influência de uma causalidade imanente e probabilística que injeta indeterminação no sistema: a prevalência de novos atratores (singularidades) ou mesmo novas relações entre atratores estão virtualmente presentes num sistema de modo que podem disparar atrair novas trajetórias e formar novas individualidades, novas espécies, novos gêneros de fenômenos.

Deste ponto de vista, gênero, espécie e indivíduos são todos um processo de individuação: não existe mais uma hierarquia entre substâncias. Não existe mais uma realidade “fora do tempo”, não existe, em síntese, “uma” essência das coisas.

5. Referências

- DELANDA, M. *Ontological Commitments*. In: AUSTIN, M. et alii (Eds.) **Speculations IV**. Brooklyn, NY: Punctum Books, 2013, p. 71-73
- _____. **Intensive Science and Virtual Philosophy**. New York: Continuum, 2002.
- DELEUZE, G. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 2004.
- _____. **Difference and Repetition**. New York: Continuum, 2001.
- DUFFY, S.(ed). **Virtual Mathematics. The logic of difference**. Manchester: Clinamen Press, 2006.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.
- LUFT, E. “Ontologia deflacionária e ética objetiva: em busca dos pressupostos ontológicos da teoria do reconhecimento”. *Veritas*, VOL LV/n.º 1 (2010), p. 82-120.
- MASSUMI, B. **A User’s Guide to Capitalism and Schizophrenia**. USA: The MIT Press, 1992.
- MERLEAU-PONTY, M. **A Natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- PRIGOGINE, I. **As Leis do Caos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PROTEVI, J. Deleuze and Life. (p. 239-264), In SMITH, D. & SOMERS-HALL, H. (eds). **The Cambridge Companion to Deleuze**. UK: Cambridge University Press, 2012. 378 p.
- _____. *Adding Deleuze to the Mix*. In: **Phenomenology and the Cognitive Sciences** 9.3. (September 2010): 417-436.
- _____. **Political Affect**. Connecting the social and the somatic. USA: The MIT Press, 2009.